



Faculdade de Pindamonhangaba



EDITE FRANCISCA DE SOUZA SILVA
MARCOS ROGERIO VICENTE DA SILVA

ACONSELHAMENTO CRISTÃO:
VISÃO INTEGRACIONISTA UMA METODOLOGIA PARA
EVANGELIZAÇÃO UMA REALIDADE OU UM MITO?

Pindamonhangaba – SP

2017



Faculdade de Pindamonhangaba



EDITE FRANCISCA DE SOUZA SILVA
MARCOS ROGERIO VICENTE DA SILVA

**ACONSELHAMENTO CRISTÃO:
VISÃO INTEGRACIONISTA UMA METODOLOGIA PARA
EVANGELIZAÇÃO UMA REALIDADE OU UM MITO?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do Diploma de Bacharel em Teologia, do Curso de Teologia da Faculdade de Pindamonhangaba Fundação Vida Cristã.

Orientador: Prof. Me. Gabriel Aquino da Cruz

Pindamonhangaba – SP

2017

SILVA, Marcos Rogério Vicente; SILVA, Edite Francisca Souza

Aconselhamento cristão: visão integracionista uma metodologia para evangelização uma realidade ou um mito? / Marcos Rogério Vicente da Silva; Edite Francisca de Souza Silva / Pindamonhangaba – SP: FUNVIC - Faculdade de Pindamonhangaba, 2017. 51fl: il.

Monografia (Graduação de Teologia) FUNVIC – Faculdade de Pindamonhangaba-SP

Orientador: Me. Gabriel Aquino da Cruz

1 Aconselhamento Cristão. 2 Visão integracionista. 3 Evangelização.
Aconselhamento cristão: visão integracionista uma metodologia para evangelização uma realidade ou um mito? Edite Francisca de Souza Silva; Marcos Rogério Vicente da Silva

EDITE FRANCISCA DE SOUZA SILVA
MARCOS ROGERIO VICENTE DA SILVA

ACONSELHAMENTO CRISTÃO:
VISÃO INTEGRACIONISTA UMA METODOLOGIA PARA
EVANGELIZAÇÃO UMA REALIDADE OU UM MITO?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do Diploma de Bacharel em Teologia, do Curso de Teologia da Faculdade de Pindamonhangaba Fundação Vida Cristã.

Orientador: Prof. Me. Gabriel Aquino da Cruz

DATA: ____/____/____

RESULTADO:_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Gabriel Aquino da Cruz
FUNVIC - Fundação Universitária Vida Cristã

Prof. Me. Alex Ribeiro Carneiro
FUNVIC - Fundação Universitária Vida Cristã

Prof. Esp. Ricardo Alexandre de Carvalho
FUNVIC - Fundação Universitária Vida Cristã

Ao Prof. Me. Gabriel Aquino da Cruz e coordenador do curso de Teologia, que obedeceu ao chamado e sonho que Deus colocou em seu coração, para abençoar-nos e motivar-nos a servir ao Senhor com excelência e as descobertas que tivemos a essa pesquisa por meio de seu incentivo e orientação a este trabalho. Deus o abençoe.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao nosso Deus, pois até aqui nos ajudou e ao Senhor e Salvador Jesus Cristo que nos deu tão grande Salvação e, ao Espírito Santo que ajudou-nos e orientou-nos em tudo;

Aos nossos familiares e principal a nossa filha Larissa de Souza Silva que tanto nos apoiou para a conclusão desse curso;

A igreja Batista do Povo, Pr. Edimar e família que nos deu apoio em oração;

Ao Coordenador deste curso Prof. Me. Gabriel Aquino Cruz, pois somos frutos do sonho que Deus colocou em seu coração;

Ao Pastor, diretor e Prof. Luiz Otavio que nos apoiou e abençoou, nos dando a oportunidade de sermos teólogos e servos de Cristo;

À todos os Prof. Examinadores desta banca;

E por todos os alunos da primeira turma de Teologia da Fapi.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
CAPITULO 1	13
PANORAMA DO ACONSELHAMENTO	13
1.1 Surgimento do aconselhamento.....	13
1.2 Definições de Aconselhamento	14
1.3 Teologia e psicologia.....	16
1.4 Teorias e técnicas.....	17
1.4.1 Teoria noutética	18
1.4.2 Teoria das duas fontes (Integracionismo).....	18
1.4.3 Teoria de camadas de Hughes	21
1.4.4 Gary Collins, integração entre psicologia e cristianismo	22
1.4.5 Teoria diretiva.....	25
1.4.6 Teoria centrada no cliente	25
CAPITULO 2	28
PRATICA DE ACONSELHAMENTO NA BÍBLIA	28
2.1 Aconselhamento no Antigo Testamento.....	28
2.2 Aconselhamento no Novo Testamento.....	30
CAPITULO 3	35
ACONSELHAMENTO E EVAGELIZAÇÃO	35
3.1 Conceito evangelização	35
3.2 O vínculo entre aconselhamento e evangelização	38
3.3 Aplicação do evangelismo no processo do aconselhamento	41
3.4 A confrontação auxilia na evangelização	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERENCIAS	49
AUTORIZAÇÃO DE REPRODUÇÃO	51

RESUMO

Este trabalho, por meio de pesquisa bibliográfica, tem como o objetivo explicitar o modelo da visão integracionista como uma metodologia para evangelização no processo do aconselhamento cristão. Desenvolvendo uma panorâmica dos conceitos e definições do aconselhamento cristão, no campo teológico e psicológico. Apresentando metodologias, teorias e técnicas existentes que permeiam os principais conselheiros do aconselhamento cristão. E de forma expositiva, mostrar relatos bíblicos que elucidam a prática do aconselhamento no Antigo e Novo Testamento. Analisando a relação que existe entre o aconselhamento e a evangelização e quais as teorias que defende esse vínculo. E por fim debruçar sobre aplicação da evangelização no processo do aconselhamento e qual melhor metodologia se aplica, tendo o conselheiro cristão a oportunidade de evangelizar o aconselhando no processo do aconselhamento cristão.

Palavras-chave: Aconselhamento Cristão; Visão integracionista; Evangelização.

ABSTRACT

This work, through a search bibliography, has the goal to make explicit the model of the integrationist vision like a methodology to evangelization in the process of the Christian counseling. Developing a panoramic of the concepts and definition of the Christian counseling, in the field theological and psychological. Exhibit methodologies, theories and techniques existing that permeate the main counselors of the Christian counseling. And of form expository, show Bible stories that elucidate the practice of the counseling in the Old and New Testament. Analyzing the relation between the counseling and the evangelization and which the theories that defend that relation. And for end look over about application of the evangelization in the process of the counseling and which best methodology of apply, having the Christian counselor the opportunity of evangelizing the giving advice in the process of the Christian counseling.

Keyword: Christian Counseling; Integrationist Vision; Evangelization

INTRODUÇÃO

Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não tem pastor. E, então, se dirigiu aos seus discípulos: A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara. Mt.9,36-38. (BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida, Ed. Revista e Corrigida)

No cristianismo, em especial cristãos pós-reforma, há uma deficiência no preparo de conselheiros e líderes no que tange o papel terapêutico no aconselhamento cristão. Muitos, nos dias de hoje, são preparados superficialmente e outros nem são, acreditam até que o aconselhamento é desnecessário.

A quantidade de pessoas aflitas, desanimadas e exaustas tem sido exponencial a cada ano que se passa, sendo o dever de todos nós cristãos rogar ao Senhor que mande trabalhadores que, enxergue as necessidades existentes hoje das pessoas e compadeçam-se delas como Jesus nos ensina na palavra supra citada.

Na ótica de compadecer-se das necessidades do próximo, procurando dar a ele uma assistência às suas necessidades, (COLLINS, 2004) comenta, que segundo ponto de vista dos escritores da Bíblia, dar assistência ao próximo não é uma opção e, sim responsabilidade de todo crente principalmente do líder da igreja; e tendo esta assistência como base o amor, descrito em (João 3.16) “porque Deus amou dando-nos seu único filho”. E o apóstolo João acrescenta na primeira carta, que “... Cristo deu a sua vida por nós; e nós devemos dar a nossa vida pelos irmãos” (1João 3.16).

Na área do aconselhamento não podemos presumir que todos são vocacionados e preparados para isso, (COLLINS, 2004) afirma que, nem todos líderes ou pastores tem esse preparo e chamado, mas não podemos abrir mão dessa poderosa experiência enriquecedora que tem fundamentos bíblicos de ministrar e aconselhar pessoas.

Nos dias de hoje existem muitos métodos de aconselhamentos disponíveis, livros, artigos e publicações na área de terapia e assistência, com toda essa carga de informação muitos conselheiros acabam sobrecarregando-se. (COLLINS, 2004) comenta que seria ótimo se todas essas publicações ajudassem de fato os conselheiros a desempenhar melhor sua função, mas na verdade é que algumas delas são de validades questionáveis.

Tendo em vista a existência de tantos métodos, a elaboração deste trabalho visa mostrar algumas metodologias e qual mais se adequa para evangelização no processo do aconselhamento. Collins, professor de psicologia pastoral no Trinity Evangelical Divinity School e defensor do método integracional, nos norteia no que tange a evangelização citando que no processo do aconselhamento pode-se levar as pessoas, que enfrentam problemas autodestrutivos e depressivos, a mudar de vida e, que o conselheiro cristão deve procurar levar as pessoas a ter um relacionamento pessoal com Cristo ajudando-as a encontrar perdão e livrar-se dos efeitos do pecado e culpa. (COLLINS, 2004)

No papel terapêutico, nossa missão é ajudar não só o cristão, mas também aqueles que não conhecem a Cristo, a conhece-lo. (HURDING, 1995) reforça, sendo totalmente de acordo à ajudar tanto o cristão quanto o incrédulo por meio do aconselhamento cristão, podendo assim, leva-lo a ser evangelizado. Hurding comenta que ainda que alguns não concordem, como Jay Adams, que argumentam que o incrédulo não deve ser aconselhado antes de ser regenerado pois assim, não poderá reagir positivamente a orientação de Deus.

O conselheiro cristão tem também o papel de evangelista no processo do aconselhamento. Em concordância com o pensamento de (LOVELACE, apud HURDING, 1995) em que diz que “o evangelista tem como tarefa de parteira e não de pai, sua responsabilidade é de testificar uma vida de fé e apresentar a Cristo como salvador as pessoas e não regenera-las, pois esta função é do Espírito Santo”.

Isto não significa que todos que passam pelo aconselhamento aceitarão a Cristo como Senhor, mas (HURDING, 1995) declara que no processo do aconselhamento a pessoa poderá reagir de forma positiva e bem específica ao convite de Cristo para receber perdão e nova vida nele.

O aconselhamento tem por essência a ideia de ajudar o próximo socorrê-lo por meio de relacionamento de cuidado citação de (MOLOCHENCO, 2008) nessa mesma linha de pensamento, (HURDING, 1995) diz que: “que o povo de Deus sempre teve o compromisso do amor mutuo e do cuidado pelo próximo e seu inimigo”. Esta ideia remete-nos a Jesus, quando dirigiu-se aos discípulos, talvez fitando os olhos neles, e disse: “...a seara é grande” ou seja são muitas pessoas que necessitam de um relacionamento de cuidado. Agora, como apresentar a Cristo sem primeiro ter compaixão? Nesse ponto (HURDING, 1995) diz que: “o aconselhamento é uma atividade com o objetivo de ajudar aos outros em todo e qualquer aspecto da vida, dentro de um relacionamento de cuidado”.

Diante do exposto procurar-se-á compreender e colaborar, por meio de pesquisa bibliográfica, de como os conselheiros cristãos e líderes, que atenderam ao chamado desta excelente vocação, podem evangelizar por meio do aconselhamento cristão.

Há uma relação entre aconselhamento e evangelização? (HURDING, 1995) questiona, perguntando: será a mesma coisa? É um mais importante que o outro? É preciso a pessoa ser evangelizada primeiro para depois ser aconselhada? Os dois são atividades diferentes, sem nenhuma intersecção?

A pesquisa mostrará alguns modelos de aconselhamento contemporâneo que praticam a evangelização no processo do aconselhamento, buscando compreender as práticas dos aconselhadores e líderes no campo terapêutico e, como levar as pessoas aflitas que sofrem com perdas e traumas a uma orientação adequada e eficaz na qual possam responder de forma positiva e específica ao convite de Cristo para receber perdão e nova vida, acredita (HURDING, 1995).

Apresentando, então, no primeiro capítulo uma panorâmica do aconselhamento cristão, seu surgimento e definição. A teologia e psicologia e suas teorias e técnicas.

No segundo capítulo, de forma expositiva, mostrar relatos bíblicos que elucidam a prática do aconselhamento tanto no antigo como no novo testamento.

E o terceiro capítulo analisando a relação entre aconselhamento e evangelização, serão a mesma coisa? Há alguma intersecção? E sua aplicação em um ambiente de relacionamento de cuidado, para aqueles que tem um olhar de compaixão para com os necessitados.

E por fim o quarto capítulo com as considerações finais e, as referências usadas na elaboração deste trabalho.

CAPITULO 1

PANORAMA DO ACONSELHAMENTO

A carência e necessidade para o alívio do sofrimento humano são imensas desde dos antigos e primórdios e continuará até o fim dos séculos. No relato de (Mt.14.14) “E Jesus, saindo, viu uma grande multidão e, movido de íntima compaixão para com ela curou os seus enfermos”, vemos Jesus diante de uma multidão carente em busca de alívio. Mas no decorrer dos tempos, pessoas foram levantadas por Deus “para carregar esse fardo de compaixão que vem sendo marcado pelo menos há dois mil anos com resultados incontestáveis atos de misericórdias” palavras ditas por (HURDING, 1995).

A íntima compaixão pelas pessoas é um ato exclusivo de Deus manifestado na pessoa de Cristo e delegado à igreja ou seja é uma prerrogativa do povo de Deus. No papel do aconselhamento cristão, para (HURDING, 1995) cabe perfeitamente ao povo de Deus que, sempre teve o compromisso do amor mútuo e do cuidado tanto pelo próximo quanto pelo o inimigo.

1.1 Surgimento do aconselhamento

No século XIX na era humanista começa a surgir atividade de aconselhamento com os conceitos da ciência psicológica, (MOLOCHENCO, 2008) afirma que o aconselhamento é recente, de dois séculos atrás e elenca alguns como Kierkegaard como um dos primeiros teóricos, Willian James, *Principles of Psychology* [Princípios de Psicologia] e *The Varieties of Religious Experiences* [As variedades de Experiências Religiosas] citado como precursores do aconselhamento por (HURDING, 1995).

Elenca também o conselheiro Jay Adams criador da teoria noutética, que sinaliza um ponto importante sobre a integração do aconselhamento com a ciência. Sobre pastores, líderes e aconselhadores que transferem a tarefa de aconselhamento pastoral aos cuidados da ciência psicológica esquivando-se do cuidado pastoral de sua responsabilidade. E que ele afirma que a transferência é um problema no conselheiro que integra o aconselhamento com a ciência.

O verdadeiro problema de ministro é a transferência. Ele não pode esquivar-se da questão nesse ponto. Deve perguntar-se a si próprio: Vou transferir o crente que está a meus cuidados pastorais a um psiquiatra ou sanatório, ou eu posso fazer algo por ele? (ADAMS, 1997)

Surgiu então as divergências teológicas e metodológicas no aconselhamento, hoje tem, disponível milhares de métodos, livros e artigos sobre terapia, qual usar ou seguir? O aconselhar afirma (COLLINS, 2004) que nunca foi uma tarefa fácil, principalmente de forma organizada e competente, o conselheiro precisa estar aberto a aprender, pois é umas das virtudes para o aconselhamento eficiente. É preciso crer que Deus usará àquele que se dispõem a ajudar outras pessoas.

E na questão de servir o próximo e suas necessidades, Deus deu à igreja exercer a atividade de aconselhar, uma posição que precisa ser retomada em caráter de urgência, como proclama (MOLOCHENCO, 2008) em que há uma necessidade urgente da igreja desenvolver a atividade de aconselhamento, buscando a servir ao próximo aliviando as tensões sofridas por tanta competitividade e marginalização, sobre aqueles que não conseguem acompanhar esse movimento.

1.2 Definições de Aconselhamento

Há várias definições sobre o aconselhamento na maioria converge para um relacionamento de cuidado ao próximo em suas aflições. (MOLOCHENCO, 2008) inicia com uma pequena citação: “o aconselhamento é um serviço ao próximo”, e também do *dicionário grego-francês* de Anatole Bailly em que o conselheiro ou terapeuta é alguém que se dispõe a “servir”, “servir ao outro” e “servir qualquer um” dispensando-lhe cuidado e atenção ao desprotegido sem direção e impossibilitado de seguir um rumo de vida, ou seja, é aquele que investe tempo doando-se ao outro. Este conceito remete-nos ao relato de (Mt.9.36) sobre o olhar de Jesus com compaixão à multidão aflita e exausta, na qual ele servia a todos quantos vinham até ele.

Depois de uma exaustiva pesquisa da definição clara de aconselhamento e por sua vasta experiência como conselheiro e psicoterapeuta (HURDING, 1995) conclui a definição de aconselhamento como: “uma atividade com o objetivo de ajudar aos outros em todo e qualquer aspecto da vida, dentro de um relacionamento de cuidado” e ele procura explicar esta definição em três partes.

Primeiro “...ajuda aos outros” seria o relacionamento do dia a dia para isso ele usa três níveis Crabb, seria mediante ao Estimulo, um cristão ajuda o outro nos sentimentos problemáticos; mediante a exortação, o cristão ajuda outros no que tange ao comportamento problemático; e mediante o esclarecimento, o cristão que ajuda a outros em relação aos pensamentos problemáticos.

Segundo “...em todo e qualquer aspecto da vida...” o aconselhamento pode ajudar na vida interior da pessoa, ou seja, na vida emocional, volitivo, comportamental, racional, psicológico ou espiritual. Trazendo mudanças construtivas e melhoras nas áreas físicas, relacional e social. Por fim “...dentro de um relacionamento de cuidado...” que está ligado ao ouvir e conversar, que conduzem ao um relacionamento entre conselheiro e cliente que implica certo grau de compromisso de ambos os lados, definição essa feita por (STORR, apud HUNDING, 1995)

Aconselhar é o ato de uma pessoa com disposição de ajudar com intuito de modificar o aconselhando é qualquer compressão profunda entre duas pessoas que resulta numa mudança de personalidade dito por Rollo May, citado por (MOLOCHENCO, 2008), que comenta também dos conceitos de James D. Hamilton, aconselhamento é centrado no aconselhando para que se tenha um desenvolvimento benéfico, não atua somente em uma área específica, mas em toda a sua pessoa; dar assistência pessoal para a realização sábia de escolhas, planos, interpretações e ajustamentos em situações críticas; por fim uma interação e envolvimento do conselheiro, servindo o aconselhando na vida espiritual, emocional e psicológica, com a finalidade de resolver as suas dificuldades.

E com estes conceitos citados conclui-se: que todo aquele que busca compreender ao outro em suas dificuldades e aflições de forma intensa, centrada e assistencial é, na verdade um terapeuta, afirma (MOLOCHENCO, 2008).

Dentre estas definições é possível afirmar que o aconselhamento tem um objetivo de estímulo e orientação em seu processo, tanto ao conselheiro como ao aconselhando, a esse, segundo (COLLINS, 2004), o processo pode estimular o desenvolvimento sadio da personalidade, ajudando o a enfrentar melhor os intemperes da vida e, aquele como conselheiro cristão por meio da orientação pode levar o aconselhando a ter um relacionamento pessoal com Jesus Cristo, por meio do evangelho, ajudando-a encontrar perdão livrando-se dos efeitos incapacitantes do pecado e culpa.

1.3 Teologia e psicologia

Conforme percorremos sobre algumas definições do aconselhamento, pode se afirmar que é uma atividade praticada em favor de uma necessidade de outrem. A bíblia que é a Palavra de Deus, está repleta de demonstrações praticas dessa atividade.

No antigo testamento, desde do início, narra sobre essa atividade de relacionamento e cuidado. Um Deus que passeava na viração do dia para relacionar-se com o homem (Adão e Eva). Surge então a primeira aflição e angustia do homem em que Deus se faz presente para o aconselhar.

Há uma definição da palavra Teologia citada por (MOLOCHENCO, 2008) que diz:

Teologia é a aplicação da revelação de Deus, a Bíblia, para determinada situação de certa cultura. Assim, faz-se teologia quando se busca uma resposta de ação na revelação de Deus para certa situação de alguma sociedade, algum povo ou indivíduo.

Com essa definição segundo (MOLOCHENCO, 2008) é possível verificar a aplicação da revelação de Deus ao seu povo por meio de líderes, sacerdotes, juízes e profetas como; Moises que conduziu os hebreus com ensinamentos e aconselhamentos; Jó em seu sofrimento tendo com ele três conselheiros; Eli como sacerdote que orientou e abençoou, Ana em sua aflição para ter um filho; profetas como Natã que orientou ao Rei Davi na sua angustia por causa do seu pecado de adultério e até mesmo Jonatas que orientava-o quando perseguido por Saul; e por fim os juízes que Deus levantava para defenderem as causas do povo de Israel.

No decorrer da história Deus levantara sempre alguém para aconselhar e orientar o povo em suas dificuldades. E todos estes acontecimentos foram em épocas diferentes, em que cada uma delas Deus se revelava por meio dos sacerdotes e profetas que transmitiam uma teologia no momento de atuação histórica.

Hoje temos a Palavra de Deus que é iluminada pelo seu Espírito e interpretada por homens que trazem a teologia para esta época, como no passado. A revelação é de suma importância no aconselhamento do povo de Deus, cita (MOLOCHENCO, 2008) existindo assim, o vínculo entre o aconselhamento pastoral com a teologia.

De forma breve a definição de psicologia de Arthur Reber, citado por (MOLOCHENCO, 2008), declara que a psicologia é a ciência que busca entender os pensamentos e comportamentos do ser humano, ou seja, estuda as estruturas de pensamentos, as vivências e o comportamento. Já Horace English e Ava Champney English, a psicologia é o braço da ciência que estuda os comportamentos, os atos ou processos mentais. E para Elisabeth Roudinesco que enfoca a psicologia clínica diz: “A prática terapeuta fundamentada na entrevista direta e no exame de casos a partir da observação das condutas individuais” e ela afirma que o termo psicologia foi empregado em 1896 por Lightner Witmer psicólogo com um método de pesquisa que consistia em exame, com vista a uma generalização, as aptidões e as deficiências de um sujeito.

A esta análise da teologia e psicologia (MOLOCHENCO, 2008) conclui que essas duas ciências tem, o homem, como o mesmo objeto de estudo.

1.4 Teorias e técnicas

Para o exercício da atividade de aconselhamento de modo mais eficaz, muitos líderes tem buscado subsídios na psicologia, que por sinal é um campo de estudos bem complexo conforme vimos em algumas definições de psicologia.

Para (COLLINS, 2004), tanto curso de psicologia e aconselhamento pastoral ministrado nos seminários, o aluno pode acabar se perdendo em um labirinto de teorias e técnicas que acaba não ajudando muito frente ao aconselhando confuso e ferido.

Há uma reflexão de Collins sobre a teoria que vale apenas relatar: é preciso entender que toda teoria é também reflexo da personalidade de seu criador, ou seja, de seus interesses, preconceitos, valores, crenças, objetivos e até do país onde vive. Ele diz a respeito da importância das teorias que servem a um propósito muito importante que ajudam a reunir todos os fatos numa espécie de moldura útil, integrada e compreensível, ajudando-nos na tarefa de ajudar as pessoas a resolver seus conflitos. E deixa uma pergunta intrigante e uma resposta frustrante “Qual é a teoria correta? A resposta é “nenhuma!”

Porque elas são meramente humanas, criadas por homens falhos passivos de revisão à medida que aumenta o conhecimento e compreensão. Existem muitos que tem suas teorias e teóricos favoritos, Collins cita sobre uma pesquisa feita por D. Smith, em que muitos acabam sendo ecléticos, pessoas que não restringe-se a uma única teoria e sim

uma combinação de teorias adotando a qual mais se adequa, criando assim o seu próprio estilo de aconselhamento.

1.4.1 Teoria noutética

Dentre muitas teorias existentes, colocaremos as mais conhecidas e discutidas. Começando com a teoria noutética criada por Jay Adams, depois de sua frustração com os métodos usados de Freud, declara que o método necessário para o aconselhamento deve ser do ponto de vista bíblico. Afirmando a existência de duas abordagens de aconselhamento, a bíblica cristã e a não cristã, não existindo meio termo, ou seja, o “conselho é divino ou demoníaco” colocado em disputa um com outro, como dois reinos polarizados, acompanhado por uma perspectiva de mútua exclusão. (COLLINS, 2004) cita a declaração dele sobre essa polarização:

Está claro [...] que, desde a época de Adão, tem havido dois conselhos neste mundo: o conselho divino e o conselho demoníaco; os dois estão competindo entre si. A posição da Bíblia é que todo conselho que não é revelacional (bíblico), isto é, baseado na revelação de Deus, é satânico.

Já (MOLOCHENCO, 2008) aborda em seu livro *Aconselhamento* que a teoria noutética tem como objetivo ministrar a Palavra de Deus, aplicando métodos de santificação promovendo mudança no aconselhando cristão e, ao não cristão é preciso evangeliza-lo primeiro. E o posicionamento do conselheiro é autoritarista sendo detentor do saber. A vantagem está em tratar de forma eficaz questões de ordem espirituais relacionadas a fé e questões de pecados conscientes e inconscientes do aconselhando, dando-lhe a oportunidade de confessá-los. Cita também algumas peculiaridades dessa teoria, em não dar conta de todos os problemas da composição do ser humano, como traumas, sofrimentos e as vivências de desvalia, que precisam ser abordados por outra teoria.

1.4.2 Teoria das duas fontes (Integracionismo)

Nesta teoria (HURDING, 1995) em seu livro *A Árvore da Cura*, relata a metodologia de Lawrence Crabb (*aconselhamento bíblico*) na qual é formado em psicologia clínica, trabalhava como conselheiro profissional. Iniciou esse método na

década de setenta e sua metodologia é ter a Bíblia como autoridade máxima, fazendo uso da psicologia secular sem trair sua premissa bíblica no processo do aconselhamento.

Na mesma linha de pensamento (MOLOCHENCO, 2008) faz também menção da metodologia de Crabb, em que a psicologia tem algo a oferecer ao aconselhamento cristão, mas com certo equilíbrio. Na integração evangélica do cristianismo com a psicologia deve-se cumprir certos requisitos: Primeiro, colocar a psicologia sob a autoridade da Escritura, ou seja, quando o ensino dessa entra em conflito com aquela ela sempre será aceita como verdadeira. Segundo, de forma fervorosa e insistente a Bíblia deve ser a revelação inspirada, infalível e inerrante de Deus, pois ela é a doutrina para todo crente. E terceiro, estar em plena concordância de que a Escritura tenha “controle funcional” sobre o seu pensamento, esse controle é os princípios bíblicos tendo prioridade não somente como doutrina, mas como prática plena e consistente.

Uma peculiaridade desse método, explica (LOYDE, 2010) em sua tese de mestrado que, a relação que Crabb descreve entre o cristianismo e a psicologia chamado “despojar dos Egípcios”, usando como exemplo a passagem do povo hebreu na saída do Egito para terra prometida relatado em Êxodo 12.35-36.

Além disso, seguindo as ordens de Moises, pediram aos egípcios objetos de ouro e de prata e vestuário. O Senhor fez com que os egípcios dessem de boa-vontade tudo o que os israelitas lhes pediam, e assim os israelitas despojaram os egípcios. (BÍBLIA SAGRADA. Trad. Português corrente, Ed. I 1993. Sociedade Bíblica de Portugal).

A relação do “despojar os egípcios” com o uso de ferramentas da psicologia secular no aconselhamento feita por Crabb, é um caminho delicado e perigoso por conta da pluralidade psicológica terapêuticas que podem agregar conceitos estranhos aos bíblicos. Esta influência no aconselhamento pode acontecer como aconteceu com os israelitas, junto com os despojos veio um misto de gente influenciando negativamente aos que tinha formação adequada para adorar ao único Deus conforme estabelecido pela lei.

Por conta dessa influência (MOLOCHENCO, 2008) compartilha o seu entendimento da existência de muitos cristãos, líderes e pastores que por pressuposições erradas e preconceitos, desconsideram por completo a psicologia. Citando o que afirma Crabb, um conselheiro cristão estará melhor equipado, quando procura tirar cuidadosamente elementos que se opõem ao seu compromisso com a revelação da

Escritura, do que aquele que mescla conceitos como lhe parece melhor e que recusa a aproveitar da percepção ganha pelo estudo (ciência).

Molochenco ainda na explicação da teoria das duas fontes, aborda sobre o dever do aconselhamento cristão exercer plena confiança na revelação de Deus, segundo o livro, *Como compreender as pessoas*, do autor Crabb. Busca explorar sobre duas fontes de revelação de Deus. A *Natural* e *Específica*, a primeira como fonte de verdades científicas em que a ciência pode descobrir as verdades de Deus por meio da criação, na qual o próprio Jesus é a fonte de toda a sabedoria e ciência, descrita na epístola de Paulo aos Colossenses, que diz: “... para compreenderem plenamente o mistério de Deus, Cristo, em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos” (CL 2.2-3). A segunda fonte, Deus fala abertamente ao homem por meio de uma linguagem capaz de ser entendida e compreendida expressas nas Escrituras, não sendo compreendidas na revelação natural por conta da natureza pecaminosa.

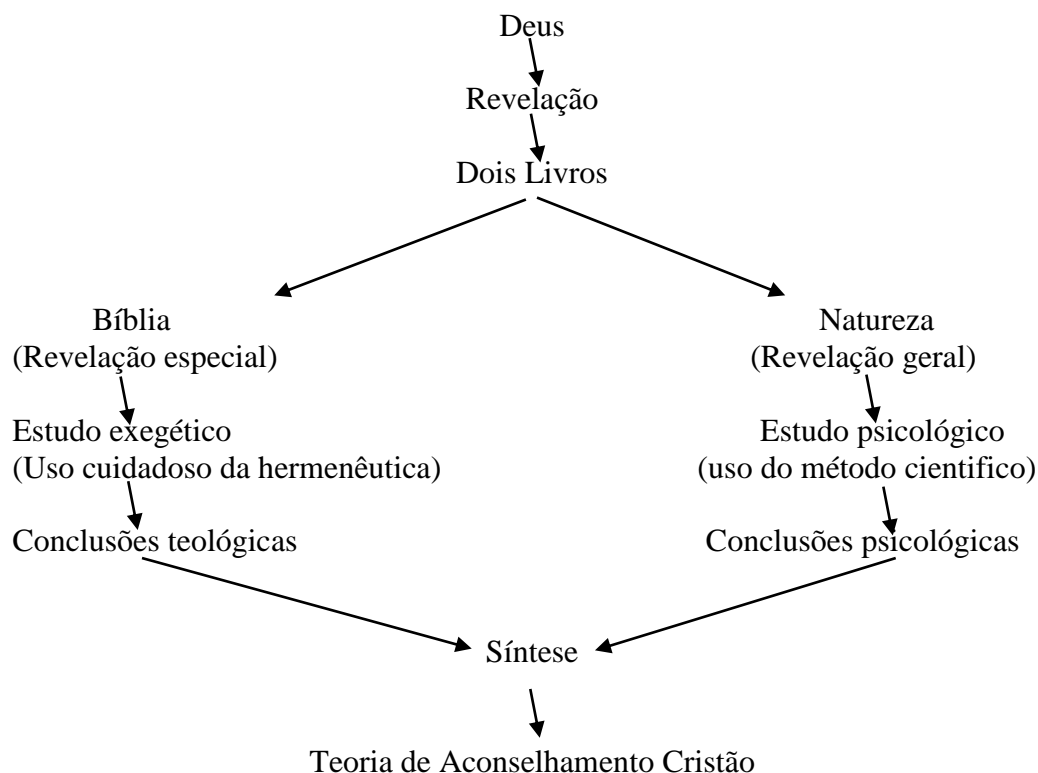
Na Bíblia Deus falou por meio de sua mente para a nossa usando a linguagem, um meio de comunicação racionalmente apreensível. Nossa tarefa é usar nossas mentes para entender o que ele disse e depois submeter nossa vontade a essa mensagem. (CRABB apud MOLOCHENCO, 2008)

Estas duas fontes o conselheiro deve comprometer-se com a validade da autoridade bíblica em que Deus se revela por meio de ambas na Bíblia. Crabb define essas duas revelações como dois livros ou coleções de ideias como cita:

Chamamos a nossa coleção de ideias, derivada da nossa observação direta das pessoas de “psicologia”. O produto do estudo bíblico é chamado de “teologia”. Ambas são consideradas disciplinas complementares, cada qual contribuindo com dados importantes para nossa teoria de aconselhamento. (MOLOCHENCO, 2008)

E o conceito desses dois livros ou coleção de ideias de revelação que Crabb aborda, sugerida por ele a integração entre a psicologia e teologia, (MOLOCHENCO, 2008) disponibiliza um diagrama que nos dá uma ideia de como acontece na prática.

A figura a seguir demonstra melhor este conceito.



Ante o exposto Molochenco cita um texto de Crabb, em que o conselheiro deve ser guiado pela Bíblia, para que sua autoridade seja plena:

O teórico que é guiado pela a Bíblia reconhece mais plenamente sua autoridade. Alguém que depende da outra fonte para ser guiado e depois procura manter uma coerência bíblica estará propenso a considerar a Bíblia como apenas útil. O produto desse segundo modo de pensar não deveria ser propriamente chamado de “bíblico”. (CRABB apud MOLOCHENCO, 2008)

1.4.3 Teoria de camadas de Hughes

Selwy Hughes pastor britânico da Assembleia de Deus, no início da década de cinquenta. (HURDING, 1995), relata sobre a teoria de camadas criada por Hughes, quando foi impactado por meio das palavras de (João 10.10) “...eu vim para que tenham vida a tenham em abundancia”, pois até então examinava as necessidades humanas sob o aspecto do “pecado” ou da “doença”. E por esta palavra citada despertou-o interesse por

questões emocionais e psicológicas, onde estudou em Universidades tendo contato com Clyde, Bruce Narramore e Lawrence Crabb, que exerceram influência em sua teoria.

Sua metodologia é integral, (*aconselhamento cristão*) declara que a Bíblia é divinamente inspirada e inerrante em qualquer de suas partes. Mas procura avaliar outras terapias com base em posição de “despojar os egípcios”. Considerando as necessidades mais profundas das pessoas como, a segurança, autoestima e o valor, sendo preenchidas em Cristo. E o aconselhamento sendo uma ferramenta de ajuda para essas “passarem da vida centrada no eu para a vida centrada em Cristo”.

Postulando assim a teoria de “camadas”, para Hughes a personalidade humana é como uma serie de esferas concêntricas, externa o aspecto físico e depois as camadas sucessivas, emocional, volitivo e racional em torno do núcleo espiritual. Tendo o conselheiro ter de avaliar cada camada, como um diagnóstico: identificando sentimentos negativos; alvos e as escolhas; padrões de pensamentos e a segurança espiritual. Sendo que a busca de soluções são de dentro para fora, por meio das camadas, procurando estabelecer maneiras corretas de pensar.

No aconselhamento ele orienta o compartilhar de passagens bíblicas cuidadosamente escolhidas para o tratamento de certos problemas, e na medida que avança tende a deixar os elementos de identificação e de estímulo de *parakaleo*, empregando a natureza mais confrontadora de *noutheteo*. Direcionando as pessoas à luz da Bíblia e aquilo que Deus requer delas.

1.4.4 Gary Collins, integração entre psicologia e cristianismo

No análise de (HURDING, 1995) sobre as infinitas teorias existentes, em que ele compara como uma grande floresta, na qual se encontra a “A Arvore da Cura”, ele cita a metodologia (*aconselhamento pelo discipulado*) de Gary Collins, professor de psicologia pastoral no Trinity Evangelical Divinity School, em Illinois, USA.

No livro *The rebuilding of psychology: an integration of psychology and Christinity* [A reconstrução da psicologia: uma integração de psicologia e Cristianismo] no capítulo “Psychology in a vertical dimension” [Psicologia em uma dimensão vertical] de Gary Collins, ele reconhece a dificuldade que se tem em provar a existência e a não existência de Deus. Procurando, assim, estabelecer uma premissa, *Deus existe e é a fonte de toda verdade* – em um corolário – *o homem que existe é capaz de conhecer a verdade*.

Seu raciocínio baseia-se em duas fontes de revelação como a de Crabb; a revelação *natural* e a *especial*, essa Deus revela-se por meio da Palavra e a outra por meio da criação, ciência e percepção humana. Tendo a primeira prioridade sobre a segunda, não podendo contradizer-se uma com a outra. Collins, então procura estabelecer seis “preposições operacionais” chamado de um “novo alicerce” para a psicologia, conforme cita Hunding, com base na premissa e corolário acima citado, sendo cinco dessas chamadas de revisões da “matéria prima” da psicologia secular:

a) *empirismo ampliado*, em que os estudos empíricos das pessoas ainda fazem partes da investigação científica, mas também reconhece a influência direta de Deus na vida de homens e mulheres;

b) *determinismo e livre arbítrio*, pelo qual há concordância em torno de ambas as perspectivas e o lugar do sobrenatural é incluído;

c) *absolutismo bíblico*, em que o “relativismo irrestrito” é rejeitado e há submissão aos caminhos e leis imutáveis de Deus;

d) *reducionismo modificado*, em que a tarefa da pesquisa psicológica não é vista basicamente como a fragmentação do comportamento humano, mas sim como estudo do homem em sua totalidade e com máximo de precisão possível. Nesta preposição cabe acrescentar o comentário de (MOLOCHENCO, 2008) que escreve:

Sob a ótica de Collins, o cristianismo deverá aceitar que o ser humano está afeto as influencias biológicas, psicológicas, comportamentais e espirituais, e que é maior do que qualquer uma dessas partes. O cristianismo não pode aceitar que o ser humano seja tratado de forma seccionada e que seus aspectos sejam analisados através de campos da ciência cada vez mais específicos, deixando de perceber que o homem é um ser único e que não pode ser dividido em partes cada vez menores para a solução de seus problemas. Seja de que ordem for, temos que olhar para o homem como um todo.

e) *sobrenaturalismo cristão*, em que se rejeita o naturalismo não-teísta e entende-se que toda ordem tem origem num “Deus que criou o universo e o sustenta na totalidade”;

E por último das “preposições operacionais” Collins chama-a de *antropologia bíblica*, em que oferece um modelo de homem tirado da Bíblia. Molochenco explica que ainda que haja uma pressuposta bondade e neutralidade moral do homem na visão humanista, a antropologia bíblica tem esse homem criado como imagem e semelhança de Deus, porem afetado pelo pecado de Adão. Mas por meio de Cristo ele alcança o novo nascimento para encarar essa nova vida com uma nova cosmovisão.

Nesta teoria “integral” (COLLINS, 2004) ele mesmo cita um dado relevante em relação aos que procuram ajuda no aconselhamento. Em uma pesquisa, ele afirma que somente 10 por cento procuram para tratar de questões espirituais e religiosas, sendo que o restante procuram por problemas de ordem pessoais. Surgindo então duas possibilidades de ajuda, em uma o conselheiro ministrar a fé e tudo que a religião oferece em questão teológicas e espirituais e, em outra, ministrar sobre problemas circunstâncias da vida cotidiana. Sendo assim possível fazer um aconselhamento integral contemplando todos os aspectos da vida. Citação essa feita por (MOLOCHENCO, 2008).

Mas para que esse aconselhamento traga resultados eficientes o conselheiro precisa estar atendo em tudo ao seu redor, Molochenco coloca algumas tarefas extraídas da teoria de Collins, no que tange ao estímulo e orientação às pessoas, que auxiliam o conselheiro:

1. Estimular o crescimento espiritual do aconselhando e encorajá-lo a confessar seus pecados, para o recebimento do perdão de Deus.
2. Ajuda-lo a moldar seus padrões, suas atitudes, seus valores e seu estilo de vida em coerência com os ensinamentos da Bíblia.
3. Leva-lo à busca de solução de seus conflitos interiores.
4. Auxiliar indivíduos, famílias, casais ou grupos a resolverem conflitos gerados por tensões interpessoais.
5. Participar efetivamente para que o aconselhando chegue a cura, aprenda a lidar com situações semelhantes e experimente crescimento espiritual.
6. Encorajar o reconhecimento e a expressão das emoções e dos sentimentos.
7. Dar apoio em momentos de necessidade.
8. Inculcar senso de responsabilidade e discernimento.
9. Auxiliar o aconselhamento nos momentos em que as decisões precisam ser tomadas.
10. Confrontar o pecado, as inconsistências e outras formas de comportamento prejudicial à própria pessoa.
11. Promover formas de ajudas concretas.

Um das premissas desta teoria é o conselheiro ser empático, carinhoso, envolvente e afetivo, mas é preciso ter um cuidado com os seus sentimentos e envolvimento com o aconselhando, não permitindo que o problema o domine perdendo assim a objetividade.

Ainda no campo da teoria de Collins, não podemos deixar de citar uma questão colocada pelo próprio autor, que pergunta “*Qual é a teoria correta?*” a resposta é nenhuma, pois elas são invenções criadas por seres humanos extremamente falhos e passivos de revisão à medida em que aumentam os conhecimentos e compreensão. Segundo uma pesquisa cinquenta por cento declaram-se ecléticos, ou seja, é aquele que

não se restringe a uma única teoria, mas a várias adotando o que melhor lhe parecer construindo o seu próprio estilo de aconselhamento, citação feita por (COLLINS, 2004).

1.4.5 Teoria diretiva

Quanto ao análise dessa teoria, por não existir muitas fontes sobre ela, apresentaremos um análise na perspectiva de (MOLOCHENCO, 2008). Segundo ele foi uma das primeiras teorias a surgir no aconselhamento, por volta de 1930 a 1950. Apesar de escassa, contem princípios de suma importância principalmente para o aconselhamento pastoral.

Porque o conselheiro que usa essa teoria, não exerce a tarefa de aconselhar somente o individual, mas por meio de ouvir a outros que estão envolvidos no processo, pois um dos princípios básicos dessa teoria é que o indivíduo por si só não se envolve em problemas ou dificuldades. Mas sempre está relacionado nas dinâmicas de indivíduos com os grupos sociais, citação de Ruth Scheffer.

Outro princípio dessa teoria, observado pelo autor é, que no processo do aconselhamento o conselheiro torna-se como um professor trazendo princípios de uma educação ativa ao aconselhando. Em conformidade com os preceitos de Ruth Scheffer, em que o aconselhamento diretivo define-se como um processo educativo que “pretende, principalmente, o ajustamento atual e remoto do indivíduo ao seu meio e a remoção dos obstáculos que dificultam essa aprendizagem”, ou seja, o conselheiro diretivo, no processo junto ao aconselhando, procura ensina-lo os meios para compreender a si mesmo e modificar-se em seu contexto social.

Em suma o aconselhamento diretivo tem como objetivo reeducar o aconselhando dando-lhe novas perspectivas aos problemas e dificuldades apresentados.

1.4.6 Teoria centrada no cliente

Nesta teoria, ainda sobre o análise de (MOLOCHENCO, 2008) ele destaca o psicoterapêutico Carl Ransom Rogers, que publicou matérias sobre o desenvolvimento da personalidade, na liderança em grupo, na educação e aprendizagem, na criatividade, nas relações interpessoais e na natureza da pessoa, marcando de foram significativa o aconselhamento, psicologia e psicoterapia.

Pontos básicos de sua teoria é a percepção e acolhimento ao aconselhando acima de tudo como “pessoa”, aceitando-o incondicionalmente, com plena confiança em sua capacidade de mudanças e crescimento. Para isso, o conselheiro precisa de pelo menos três características para a eficácia desta teoria no processo de aconselhamento, apresentadas por Molochenco.

A primeira é *autenticidade* do conselheiro, ou seja, ele ter autocoerência, ser seguro em sua personalidade para suportar as tempestades em potencial, resultantes de ajudar alguém em dificuldade, conforme destaca (Hurding, 1995). Segunda característica, *receptividade com distanciamento*, é o conselheiro obter a capacidade de estar à vontade no mundo dos sentimentos e das emoções, tanto sua como a do aconselhando. Terceira e última, o conselheiro *exercer empatia apurada*, que é a compreensão e a capacidade de projetar-se na contemplação do aconselhando ao ponto de compreendê-lo totalmente, por um acompanhamento intenso ao ponto de identificar-se com o seus sentimentos, emoções, aflições e desespero.

Em suma o pressuposto dessa teoria é que o ser humano tem em si mesmo a capacidade de mobilidade e mudança, a partir de sua consciência podendo alcançar sua liberdade e emancipação. Neste processo o conselheiro apresenta-se como um facilitador do diálogo, não manifestando suas opiniões e posições, ou seja é uma filosofia democrática de aproximação do sujeito.

Segundo argumenta (MOLOCHENCO, 2008) para Roger o objetivo do aconselhamento é levar o aconselhando a uma busca de si mesmo, dando liberdade a ele se perceber. Declara ele que aplicação de técnicas não resolve o aconselhamento deve ser relacional. Pontos relevantes que Molochenco cita sobre essa teoria: Desenvolvimento da individualidade; Valorização da personalidade; Desenvolvimento da independência do Aconselhando; Autonomia e responsabilidade do indivíduo para com a construção de sua história de vida; Confiança em si e na capacidade do ser humano.

Ao estudarmos algumas das teorias e técnicas existentes, podemos perceber que há muitas disponíveis para o conselheiro usar e selecionar qual melhor adequa ao seu estilo de aconselhamento. Mas vale a pena lembrar o que foi dito no início deste tema, sobre a complexidade que há nestas teorias, comparada a um labirinto que pode levar o conselheiro a se perder, que acaba não ajudando muito frente ao aconselhando confuso e ferido.

E por fim debruçemos, então, sobre a reflexão deixada por (COLLINS, 2004) que diz: “é preciso entender que toda teoria é também reflexo da personalidade de seu criador, ou seja, de seus interesses, preconceitos, valores, crenças, objetivos e até do país onde vive. Neste mesmo pensamento observemo-nos a declaração de Molochenco, que diz:

Seja qual for a teoria selecionada para atuar sua escolha e ou seu uso de determinada teoria, isso não vai impedir que o “eu” do conselheiro se apresente com seus valores pessoais. Estes sempre se mesclam numa aplicação teórica. Cada um de nós traz pontos de vistas pessoais para a situação do processo de aconselhamento, e isto influencia nossos juízos e comentários, estejamos nós conscientes disso ou não. (MOLOCHENCO, 2008)

Não esquecendo que as teorias como afirma (COLLINS, 2004), servem a um proposito muito importante que ajudam a reunir todos os fatos numa espécie de moldura útil, integrada e compreensível, ajudando-nos na tarefa de ajudar as pessoas a resolver seus conflitos. Mas elas são meramente humanas, criadas por homens falhos passivos de revisão à medida que aumenta o conhecimento e compressão.

E por fim há muitos conselheiros que tem a sua teoria e teórico preferido, mas também há aqueles que tornam-se ecléticos que não se restringe a uma teoria e sim uma combinação de teorias adotando a qual mais se adequa, criando o seu proprio estilo de aconselhamento.

CAPITULO 2

PRATICA DE ACONSELHAMENTO NA BÍBLIA

A bíblia está repleta de exemplos de necessidades humanas. (Collins Gary 2004 p.43) comenta que suas páginas falam de muitos problemas inerentes ao homem, como: ansiedade, solidão, desanimo, duvida, tristeza, violência e entre muitas outras coisas.

(LOYDE, 2010) faz menção de uma passagem bíblica que retrata muito bem um aconselhamento sendo feito pelas as Escrituras, que se encontra em Provérbios 4.11, que diz: “No caminho da sabedoria, te ensinei e pelas veredas da retidão te fiz andar”.

Desde do gêneses até as escritas do Apocalipse de João é possível verificar a pratica de aconselhamento ao homem para que obtenha uma vivencia melhor em seu universo.

2.1 Aconselhamento no Antigo Testamento

Partindo do princípio que o aconselhamento, no conceito de (HURDING, 1995), é “uma atividade com o objetivo de ajudar aos outros em todo e qualquer aspecto da vida, dentro de um relacionamento de cuidado”, observemos duas citações de (LOYDE, 2010) de aconselhamento no antigo testamento.

O primeiro relato de aconselhamento é a história trágica de Caim e seu irmão. Quando ele é abordado por Deus em relação ao seu intento criminoso contra seu irmão, por sua oferta ter sido rejeitada e, o aconselha dizendo:

E o Senhor disse a Caim: Por que te iraste? E por que descaiu o teu semblante? Se bem fizeres, não é certo que serás aceito? E se não fizeres bem, o pecado jaz à porta, e sobre ti será o seu desejo, mas sobre ele deves dominar. (Gênesis 4.6-7).

Tendo Caim a oportunidade de rever sua atitude antes de cometer o mal que alojara em seu coração. Loyde faz uma citação de Crabb, “que os sentimentos negativos se baseia em comportamentos negativos, que por sua vez, são causados por pensamentos errados”. Caim deu lugar a esses pensamentos, suprimindo sua necessidade pessoal por meio de um comportamento reprovável. Este triste relato é possível verificarmos a confrontação de Deus com as atitudes de Caim, quando lhe é perguntado sobre seu irmão.

Neste aspecto de confrontação (COLLINS, 2004) afirma que “a confrontação pode levar o aconselhando a confessar seu pecado e passar por uma significativa experiência de perdão”. Mas Caim rejeitou a oportunidade que Deus lhe dera em experimentar uma significativa experiência de perdão.

A segunda história bíblica que contribui ao análise do aconselhamento no antigo testamento feito por Loyde. É a história de Moisés que teve uma tarefa árdua de tirar o povo do Egito e aconselha-los em suas necessidades, mas isto o trouxe um desgaste altíssimo por conta da demanda.

Vindo pois seu sogro Jetro aconselhou-o que estabelecesse líderes que pudesse ajudá-lo nesta tarefa, como descreve o texto:

Vendo, pois o sogro de Moisés tudo o que ele fazia ao povo, disse: Que é isto, que tu fazes ao povo? Porque te assentas só, e todo o povo está em pé diante de ti, desde a manhã até a tarde? Disse Moisés a seu sogro: É porque este povo vem a mim, para consultar a Deus; Quando tem algum negócio vem a mim, para que eu julgue entre um e outro e lhes declare os estatutos de Deus e as suas leis. O sogro de Moisés, porém, lhe disse: Não é bom o que fazes. Totalmente desfalecerás assim tu como este povo que está contigo por que este negócio é mui difícil para ti; tu só não o podes fazer. Ouve agora minha voz, eu te aconselharei, e Deus, será contigo. Sê tu pelo povo diante de Deus, e leva tu as causas a Deus; E declara-lhes os estatutos e as leis, e faze-lhes saber o caminho em que devem andar, e a obra que devem fazer. E tu dentre o povo procura homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que odeiem a avareza; e põe-nos sobre eles por maiores de mil, maiores de cem, maiores de cinquenta, e maiores de dez. (Êxodo 18. 14-21).

Esta aí um retrato de um conselho que traz soluções adequadas, ao bom andamento de líderes. E ponto relevante no conselho de Jetro é a profissionalização de um segundo escalão à altura de seu líder, comenta Loyde. E Moisés segue o conselho de seu sogro conforme o texto:

Moisés seguiu o conselho de seu sogro, fez tudo o que ele havia dito. Moisés escolheu em todo Israel homens capazes, e colocou-os como chefes do povo: chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez. Eles julgavam o povo em todo o tempo. Toda causa importante, eles a levavam a Moisés, e toda causa menor eles mesmo a julgavam. (Êxodo 18.24-26).

O que dissermos dos conselhos de Deus ao povo de Israel que cuidadosamente, por intermédio do próprio Moisés, aconselha-os a guardar os mandamentos, estatutos e juízos para que vivessem bem na terra a qual Ele tinha prometido. Quando diz “se diligentemente obedeceres a meus mandamentos que hoje vos ordeno, de Amar o Senhor, vosso Deus, e de o servir de todo o vosso coração e de toda a vossa alma, darei chuvas da

vossa terra a seu tempo, as primeiras e as últimas, para que recolhas o vosso cereal, e o vosso vinho e vosso azeite” (Dt.11:13-14). O livro de Deuteronômio, quase todo, é Deus aconselhando o povo, em um dos conselhos o Senhor diz ao povo que escolha a vida a bênção, amando ao Senhor obedecendo-O, pois isto depende a vida deles e longevidade na terra que lhe prometera, como diz:

Vês aqui, hoje te tenho proposto a vida e o bem, e a morte e o mal; Porquanto te ordeno hoje que ames ao Senhor teu Deus, que andes nos seus caminhos, e que guardes os seus mandamentos, e os seus estatutos, e os seus juízos, para que vivas, e te multipliques, e o Senhor teu Deus te abençoe na terra a qual entras a possuir. Porém se o teu coração se desviar, e não quiseres dar ouvidos, e fores seduzido para te inclinares a outros deuses, e os servires, então eu vos declaro hoje que, certamente, perecereis; não prolongareis os dias na terra a que vais, passando o Jordão, para que, entrando nela, a possuas; Os céus e a terra tomo hoje por testemunhas contra vós, de que te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe pois a vida, para que vivas, tu e a tua descendência, amando ao Senhor teu Deus, dando ouvidos à sua voz, e achegando-te a ele; pois ele é a tua vida, e o prolongamento dos teus dias; para que fiques na terra que o Senhor jurou a teus pais, a Abraão, a Isaque, e a Jacó, que lhes havia de dar. Deuteronômio 30:15-20

Tem se também a história do sofrimento de Jó, que trata de conselheiros que estavam presentes na as aflições e todos os males que o abatera sobre ele, neste caso (MOLOCHENCO, 2008) afirma que os três amigos de Jó em primeiro momento o sustentaram em sua dor mediante o silêncio como relata a Bíblia: “... os três se assentaram no chão com ele, durante sete dias e sete noites. Ninguém lhe disse uma palavra, pois viam como era grande o seu sofrimento” (Jó 2.13).

Em fim no Antigo Testamento se tem muitos outros exemplos de aconselhamento que foi praticado para que as pessoas pudessem desfrutar de uma vida melhor.

2.2 Aconselhamento no Novo Testamento

No novo testamento a pessoa mais ilustre e cheia de compaixão, amor e graça, preocupado pelas necessidades das pessoas, o verdadeiro conselheiro, que nos ensina qual a verdadeira forma de aconselhar, nele está toda as definições que possam descrever sobre aconselhamento. Seu nome é Jesus Cristo o filho de Deus, na qual o profeta Isaias anuncia muitos anos antes dizendo:

Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz. (Isaias 9.6)

O verdadeiro conselheiro cheio de graça e sabedoria, os livros dos evangelhos está repleto de casos em que Jesus aconselhou a muitos com resultados eficazes na vida das pessoas. Todas as técnicas que a ciência procura ainda desenvolver na psicologia, já era usada por ele, cita (LOYDE, 2010).

É possível perfeitamente aprendermos como aconselhar, qual caminho percorrer e o processo, com os casos de Jesus. E essa estrutura (MOLOCHENCO, 2008), ousa mostrar passo a passo, quando Jesus é abordado por uma mulher siro fenícia, e a entrevista feita por ele. Segundo o texto:

E, partindo Jesus dali, foi para as partes de Tiro e de Sidom. E eis que uma mulher Cananéia, que saíra daquelas cercanias, clamou, dizendo: Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de mim, que minha filha está miseravelmente endemoninhada. Mas ele não lhe respondeu palavra. E os seus discípulos, chegando ao pé dele, rogaram-lhe, dizendo: Despede-a, que vem gritando atrás de nós. E ele, respondendo, disse: Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel. Então chegou ela, e adorou-o, dizendo: Senhor, socorre-me! Ele, porém, respondendo, disse: Não é bom pegar no pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos. E ela disse: Sim, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus senhores. Então respondeu Jesus, e disse-lhe: Ó mulher, grande é a tua fé! Seja isso feito para contigo como tu desejas. E desde aquela hora a sua filha ficou sã. Mateus 15:21-28.

O primeiro passo; Jesus foi um facilitador levando a mulher a reconhecer que lhe havia um vazio que precisava ser preenchido. Muitas vezes o aconselhando corre aflito ao conselheiro sem saber a real causa da aflição, situações como estas o conselheiro entra como um facilitador para a descoberta das causas. Ajudando-o a trabalhar elas e conduzindo-o à solução. E com isso o aconselhamento é bem sucedido.

No decorrer do texto, a mulher clama em alta voz suplicando ajuda, pois sua filha encontrava-se possessa, mas propositalmente Jesus não lhe atendia, mas mesmo assim persistia em clamar ao ponto dos discípulos interceder por ela ao dizer “despede-a pois está gritando atrás de nós”. Recebendo então uma resposta dura “fui enviado para os da casa de Israel”, mas persistentemente ela continua, mostrando arrojo e determinação. Em vista da passividade de Jesus, ela quase no limite aproxima-se e adora-o dizendo: “Senhor socorre-me”.

A primeira tarefa do conselheiro é levar o aconselhando a ter certeza do que ele quer e necessita, colocando à prova o seu querer, a mulher se mostra segura quando clama

pela segunda vez “Senhor, socorre-me”. Neste momento Jesus abre o caminho para que ela encontrasse com a fé e alcançasse sabedoria para suas questões e se posiciona-se diante de seu conselheiro. Mas Jesus aperta um pouco mais, quando diz: “deixa que primeiro os filhos se fartem, porque não é justo tomar o pão dos filhos e lançá-los aos cachorrinhos”. Para muitos esta seria a última gota.

Jesus fez com que ela refletisse na sua carência da graça. Diante disso a mulher apresenta um coração altamente maleável, submisso e humilde, insistindo seu pedido. Chegando assim o ponto a que Jesus queria traze-la, pois somente uma pessoa com um coração assim poderia aceitar o auxílio do conselheiro, permitindo a sua atuação perante Deus. E sua resposta a Jesus em que “...também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa”. A partir daí Jesus muda a estratégia de aconselhamento, atendendo-a com profundo amor.

E com resultado, desse primeiro passo do diálogo de Jesus com ela, as oportunidades abertas a ela não foram desperdiçadas, mas respondidas com a esperança de receber a sua benção e graça de Cristo e reconhecimento também de não ser merecedora e, com isso recebendo a graça de Deus.

O segundo passo da estrutura que Molochenco apresenta, estar em Jesus leva-la a reconhecer sua maior necessidade, além da cura de sua filha, que é pensar em Deus, na qualidade de sua vida e na fé em Cristo capaz de solucionar o problema de sua filha e também seu. Sendo um dos princípios do aconselhamento “auxiliar alguém a descobrir sua necessidade, para depois resolve-la e, depois perceber se o aconselhando sente se melhor.

Todo esse movimento Molochenco, chama-o de “degraus” na qual Jesus usou para que a mulher reconhecesse da sua necessidade maior. Primeiro degrau: quando ela vem até Jesus em busca da cura de sua filha, mas não é respondida. Impulsionando-a ao segundo degrau, insistentemente clama novamente obtendo a intercessão dos discípulos e, Jesus responde que fora enviado para o povo de Israel com essa resposta faz com que ela suba o terceiro degrau. Jesus a conduz em direção da fé, sua necessidade maior, prostra-se então e clama: “Senhor socorre-me”.

Chega então o quarto degrau, que talvez seja o mais difícil para muitos que, até mesmo não conseguem chegar no final de um aconselhamento, que é o quebrantamento de coração o humilhar-se e reconhecer a sua incapacidade de merecer algo. Quando Jesus responde “...não é justo dar o pão dos filhos e lança-los aos cachorrinhos”. Mas ela estava

desposta a subir esse degrau quando responde “...até os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos”. Jesus então declara “Grande é a sua fé, mulher!”.

Como resultado, de um aconselhamento eficaz, Jesus declara a grandeza de sua fé, sua filha é curada e teve a sua vida alicerçada em Deus reconhecendo Jesus como filho de Deus e messias. Participando, assim, do pão da vida. Na qual Jesus diz: “... Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede”.

Esta fé a torna apta para ouvir e servir à Jesus. Na demonstração destes degraus (MOLOCHENCO, 2008) declara o alvo central de Jesus:

O alvo central de Jesus neste ponto era que a mulher gentílica fosse reconciliada com Deus através da fé, alcançando o perdão de seus pecados e a transformação de vida. Desta forma, passo a passo, ele a leva a desenvolver a confiança de que a graça de Deus também havia manifestada para ela e que poderia recebe-la por um ato de fé. A comunicação realizada por Jesus, ainda que dura e difícil de ser aceita, desenvolveu nela o desejo de conquista e, conseqüentemente, a autoconfiança do direito de participar da graça, aceitando-se como pessoa capaz de receber das bênçãos do reino, o que não fazia no início do diálogo.

Vale apenas também destacar o caso da mulher samaritana no poço de Jacó, no texto dos evangelhos escrito por João. No análise de (LOYDE, 2010) em sua defesa de mestrado. Afirma que Jesus foi o que mais influenciou a história, com seus ensinamentos centrados nas Boas novas, no amor, na graça e na misericórdia de Deus. Segundo o texto:

Foi, pois, a uma cidade de Samaria, chamada Sicar, junto da herdade que Jacó tinha dado a seu filho José. E estava ali a fonte de Jacó. Jesus, pois, cansado do caminho, assentou-se assim junto da fonte. Era isto quase à hora sexta. Veio uma mulher de Samaria tirar água. Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber. Porque os seus discípulos tinham ido à cidade comprar comida. Disse-lhe, pois, a mulher samaritana: Como, sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana? (Porque os judeus não se comunicam com os samaritanos). Jesus respondeu, e disse-lhe: Se tu conheceras o dom de Deus, e quem é o que te diz: Dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva. Disse-lhe a mulher: Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo; onde, pois, tens a água viva? És tu maior do que o nosso pai Jacó, que nos deu o poço, bebendo ele próprio dele, e os seus filhos, e o seu gado? Jesus respondeu, e disse-lhe: Qualquer que beber desta água tornará a ter sede; Mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna. Disse-lhe a mulher: Senhor, dá-me dessa água, para que não mais tenha sede, e não venha aqui tirá-la. Disse-lhe Jesus: Vai, chama o teu marido, e vem cá. A mulher respondeu, e disse: Não tenho marido. Disse-lhe Jesus: Disseste bem: Não tenho marido; Porque tiveste cinco maridos, e o que agora tens não é teu marido; isto disseste com verdade. Disse-lhe a mulher: Senhor, vejo que és profeta. Nossos pais adoraram neste monte, e vós dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar. Disse-lhe Jesus: Mulher, crê-me que a hora vem, em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai. Vós adorais o que não sabeis; nós

adoramos o que sabemos porque a salvação vem dos judeus. Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade. A mulher disse-lhe: Eu sei que o Messias (que se chama o Cristo) vem; quando ele vier, nos anunciará tudo. Jesus disse-lhe: Eu o sou, eu que falo contigo. E nisto vieram os seus discípulos, e maravilharam-se de que estivesse falando com uma mulher; todavia nenhum lhe disse: Que perguntas? ou: Por que falas com ela? Deixou, pois, a mulher o seu cântaro, e foi à cidade, e disse àqueles homens: Vinde, vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito. Porventura não é este o Cristo? Saíram, pois, da cidade, e foram ter com ele. (João 4:5-30).

Para (HURDING, 1995) na avaliação das metodologias cristãs de aconselhamento; observa uma das dimensões do “modelo de Cristo” que é o de ser profeta. No diálogo que Jesus desenvolve com a mulher, oferecendo uma “água viva” para saciar de vez a sua sede física e o convite para que ela chame o seu marido, e sua reação a exortação respondendo “não tenho marido”, e a resposta Jesus, de modo verdadeiramente profético, dizendo: “bem disseste, não tem marido; porque cinco maridos tivestes, e esse que agora tens não é teu marido; isto disseste com verdade”. Hurding mostra a existência de um “estilo de cuidado confrontador” expressas em palavras ternas e não de forma atacar ao que a mulher disse, mas sim exposta educadamente e firme. E quando a mulher declara para os samaritanos dizendo: “Ele me disse tudo quanto tenho feito” Hurding afirma que foi a compreensão interna (*insight*) profético de Jesus, que levou-a declarar isso. Acontecendo, então a conversão de muitos dos seus compatriotas samaritanos.

E neste mesmo entendimento (LOYDE, 2010) cita sobre a necessidade que Jesus mostrou a ela, na qual procurava preencher em relacionamentos extraconjugais.

Jesus faz um pedido a essa mulher que tantas vezes veio até o poço para aplacar a sede. Ele fala de sua necessidade, sua carência e busca por algo que não consegue entender, a qual busca em seus relacionamentos extraconjugais. Ela se detém nas necessidades físicas, mas ele vai mais além. Jesus é a fonte, origem de uma água jorrando para a vida eterna. Nesse momento, a Samaritana descobriu que existia um vazão que nunca foi preenchido em todo seu ser e naquela conversa ela começou a encontrar algum significado.

E por fim Jesus alcançou aos necessitados de várias maneiras, no novo testamento oferece todo tipo de detalhes que ele tinha a oferecer aos pecadores e angustiados. E encontrando-se uma riqueza de conceitos que jamais deve estar distante do conselheiro cristão. (HURDING, 1995).

CAPITULO 3

ACONSELHAMENTO E EVAGELIZAÇÃO

Dando sequência ao segundo capítulo estudado, neste capítulo analisaremos a relação e vínculo entre aconselhamento e evangelização na interpretação de (HURDING 1995) que faz um exame da natureza do aconselhamento sob o aspecto do próprio conceito dele de “ajudar os outros em todo e qualquer aspecto de sua vida dentro de um relacionamento de cuidado” para isso levanta questões sobre essa relação com perguntas que irá destrinchar ao longo do análise. O aconselhamento e evangelização:

“Serão a mesma coisa? um é mais importante que o outro? um deles é servo do outro? precisamos evangelizar antes de poder aconselhar com eficácia? Devemos ver a evangelização apenas no âmbito do aconselhamento? Ou os dois serão atividades separadas, distintas, com pouca ou nenhuma intersecção?” (Ibid. 1995).

Mas antes de entrarmos neste análise, não tem como não fazer menção sobre o conceito e importância da palavra “evangelização”. Pois ao estudarmos o final do segundo capítulo, sobre os encontros de Jesus com os necessitados e a forma que tratou as pessoas, deixando nos um modelo a ser imitado no aconselhamento cristão. Abre-nos caminho para abordar sobre evangelismo, refiro-me ao “anuncio das boas novas” que pode-se dizer que é o cerne do cristianismo.

Jesus não somente deixou um modelo, mas uma missão quando ele diz: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda a criatura” (Mc.16.15), e sermos suas testemunhas, “...sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra.” (At.1.8). Surge, então a palavra pelo próprio Jesus “pregar o evangelho”.

3.1 Conceito evangelização

Tendo em vista que o “Ide” de Jesus é imperativo para todo aquele que crê e o recebe como Senhor e Salvador. Então, sendo assim, precisamos ser testemunhas daquele que nos salvou, proclamadores e arautos daquilo que Jesus é e fez em nossa vida.

Com isso (COSTA, 2007) em seu artigo, Teologia da Evangelização: uma palavra aos evangelistas, define evangelização como sendo a proclamação essencial da igreja em anunciar as perfeições e obra salvífica de Jesus Cristo ensinadas nas Escrituras, por meio do Espírito Santo, para que os homens arrependam-se de seus pecados e creiam em Cristo. Acrescenta ainda que, “evangelizar significa confrontar os homens com as reivindicações de Cristo, decorrentes do caráter de Deus”.

Outro conceito encontrado, em um artigo escrito por (ARAÚJO, 2000), cita a definição dos arcebispos da Igreja Anglicana sobre a evangelização, que diz:

Evangelizar é de tal maneira apresentar a Cristo Jesus no poder do Espírito, que homens e mulheres venham a confiar em Deus através d’Ele, aceitando-o como Salvador e servindo-o como Rei, dentro da comunhão da Igreja. (Ibid. 2000, apud WAGNER, 1991).

E o conceito também de Lausanne, ao dizer que:

A natureza do evangelismo é a comunicação das Boas Novas. O propósito do evangelismo é oferecer as pessoas uma oportunidade válida de aceitar a Jesus Cristo. O alvo do evangelismo é persuadir homens e mulheres a aceitarem Jesus Cristo como Senhor e Salvador servindo-o dentro da comunhão de Sua Igreja. (Ibid. 2000, apud STOTT, 1975).

Evangelização vem de origem grega “*Euaggélizo*” (ευαγγέλιον) do substantivo “Evangelho” com significado “Boas novas” – com seus cognatos, “Evangelismo, Evangélico, Evangelista e Evangelização”, na voz media é “*Euaggelizomai*” é trazer ou anunciar o evangelho, do grego “*Euaggelizion*” as boas novas do messias de Deus. (COSTA. 2011).

Na língua grega o uso desta expressão antecede e muito ao Novo Testamento, no século IX a.C. aos escritos de Homero ela passou evolutivamente por três significados básicos: Primeiro (Homero e Plutarco) significava dar recompensa ao mensageiro por sua mensagem; segundo quando recebido boas novas, ofereciam-se ofertas de ações de graças aos deuses; e terceiro, quando havia uma vitória sobre uma guerra os mensageiros percorriam anunciando as boas novas, como no relato sobre a derrota de Saul: “Cortaram

a cabeça de Saul e o despejaram das suas armas; enviaram mensageiros pela terra dos filisteus, em redor, a levar as boas novas à casa dos ídolos e entre o povo. (1Sm 31.9)”

No Império Romano o imperador tipificava-se como um deus e salvador e, era cultuado desde seu nascimento até a sua ascensão ao trono. Seus discursos, decretos e visitas a outras cidades, era anunciado como boas novas de alegria, felicidade e paz: era o evangelho. (Ibid. 2011)

Partindo desse entendimento que os romanos tinham do imperador, de que seus discursos e decretos eram considerados como boas novas (evangelho), entendemos quando Jesus ao entrar na sinagoga em Nazaré descrito por Lucas que diz:

“Indo para Nazaré, onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler. Então, lhe deram o livro do profeta Isaías, e, abrindo o livro, achou o lugar onde estava escrito: O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar (εὐαγγέλιον) os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor. Tendo fechado o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e todos na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Então, passou Jesus a dizer-lhes: Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir” (Lc 4.16-21).

Jesus ao dizer que hoje se cumpriu as Escrituras, está declarando que o Deus o Salvador prometido estava presente ali, ou seja, as boas novas era Ele próprio.

O ponto importante de sabermos sobre a origem da palavra “evangelho”, é que precisamos ser os anunciantes, proclamadores das boas novas de Salvação em Cristo Jesus.

Sendo, assim, todos cristãos que foram alcançados por meio da pregação do anúncio das boas novas de Deus, reveladas nas Escrituras, devem fazer o mesmo. Porque Jesus, nos escolheu e salvou-nos, mas também nos designou para a pregação dessas boas novas de salvação, dizendo: “Ide por todo o mundo e pregai a evangelho a toda a criatura.” (Mc 16.15); e também disse: “..., e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra.” (At 1.8).

Sabendo, então, que todo cristão foi comissionado a pregar o evangelho, logo podemos assim dizer que está no DNA de todo cristão o anunciar as boas novas de salvação.

3.2 O vínculo entre aconselhamento e evangelização

Para (HURDING, 1995) há uma ampla variedade de concepções sobre o vínculo entre aconselhamento e o anúncio das boas novas (evangelização), no meio dos conselheiros cristãos. Examinaremos estas concepções que estão nas metodologias sustentadas por alguns principais conselheiros cristãos e o vínculo que se tem entre o aconselhamento e evangelização.

O *Aconselhamento noutético* de (ADAMS, 1977) argumenta que o incrédulo não deve ser aconselhado, por conta de não ser regenerado e ter conhecido a Cristo e que não poderá reagir positivamente em meio a seus problemas de forma orientada por Deus. Para solução desse problema Adams escreve sobre o “pré-aconselhamento”, em que o trabalho do conselheiro é “confrontar os não salvos com a oferta universal do evangelho”, sendo bem sucedido o então cliente regenerado pode ser aconselhado, senão, eles acreditam que “Deus não nos autorizou a reformar o exterior das pessoas”; “agir assim seria destorcer a verdadeira natureza de sua esplendida redenção de Cristo”; e os clientes podem confiar em qualquer mudança externa “com a falsa segurança de que os problemas foram resolvidos” (Ibid. 1977).

Para Hurding esse raciocínio de Adams, leva o aconselhamento a prestar um desserviço ao não cristão quando procura solução de seus problemas antes da conversão, pois assim o cliente poderá sentir-se bastante seguro, achando que poderá cuidar de sua vida sem Deus.

E por fim a ideia de Adams é que a evangelização deve preceder o aconselhamento, harmonizando, assim, com suas perspectivas tanto com relação à impossibilidade dos não redimidos terem acesso ao “conselho piedoso” quanto acerca da igualdade de que o “aconselhamento bíblico” diz respeito à santificação, no sentido de substituir os padrões errados de vida por outros corretos. Hurding indigna-se ao ver o aconselhamento sendo limitado somente aos cristãos e a Adams expressar que:

(Deus) não se ocupa de reformar vidas, mas de renovar sua imagem nelas. Deus não deseja que seus conselheiros ajudem ou incentivem os não-cristãos a trocar um padrão pecaminoso por outro (isso é reforma); pelo contrário, ele nos chamou a um ministério de reconciliação e renovação.

Hurding entende que Deus se interessa pela responsabilidade e pela justiça na vida das pessoas, da mesma forma por sua aceitação ou rejeição pelo evangelho. Termina

citando quando Deus, em sua ira, exige justiça e não sacrifícios expressa pelo profeta Amós, em que Israel aguardava a reconciliação e renovação completa pela vinda do messias, dizendo: “...corra o juízo como as águas, e a justiça como ribeiro perene” (Am 5.24).

Reconhecendo que a mão inibidora de Deus está em ação e assim regozijar-nos, quanto ao aconselharmos, possamos ver: o marido permanece fiel à esposa; a mãe mostra menos favoritismo para com um de seus filhos; o indivíduo aprende a ser mais clemente em relação ao outro; e entre muitos outros problemas na vida das pessoas. E quando pregado as boas novas de Cristo no processo do aconselhamento do não-cristão, (HURDING, 1995) sugere a citação do livro de Richard Lovelace, *Dynamics of spiritual life* [A dinâmica da vida espiritual]:

Nossa tarefa como evangelista é, portanto, a de parteiras, não de pais. Não é responsabilidade nossa fazer que as pessoas sejam regeneradas, mas apenas apresentar um testemunho de vida coerente com que professamos, além de apelar a entrega a Cristo, firmes no reconhecimento interior de que as ovelhas dele ouvirão a voz e o seguirão, porque o Espírito dele lhes abrirá o coração para tal. (PATERNOSTER, 1979 apud HURDING, 1995)

A metodologia *Aconselhamento bíblico* de Lawrence Crabb, com menos rigorosidade nesse aspecto, tendo uma posição de “integração” cautelosa, na qual desenvolve “uma abordagem de aconselhamento solidamente bíblica e fazendo uso da psicologia sem trair sua premissa bíblica”. Um método que declara a autoridade das Escrituras e a indispensabilidade e suficiência de Cristo.

Quando Crabb, declara que a igreja local é “o instrumento fundamental para cuidar de dores e sofrimentos pessoais” e o principal ambiente para o aconselhamento bíblico, entende-se que o aconselhamento está aberto tanto para cristãos como não-cristãos. Havendo neste ambiente o *estimulo*, substituindo sentimentos problemáticos por sentimentos bíblicos, exercido por uma atitude de compaixão e interesse pela pessoa que sofre; *exortação*, a instrução de levar as pessoas aos princípios básicos do viver cristão, sobre a capacidade de pensar biblicamente, tornando-se o comportamento problemático em comportamento bíblico; e o *esclarecimento*, com o objetivo de tratar os problemas mais profundos, obstinados e complicados, em que o conselheiro leva o cliente ao pensamento bíblico ao invés do pensamento problemático.

Percebe-se, então, um forte vínculo entre aconselhamento e evangelização em seu método, principalmente quando ele escreve que “o alvo de todo aconselhamento

verdadeiro é liberar as pessoas para adorar e servir melhor a Deus, ajudando-as a ser tornar como o Senhor” (HURDING, 1995). Esta declaração vem de encontro com a forma que Jesus tratou a mulher samaritana, que se encontrava a margem da discriminação e perda em relação a servir e adorar a Deus, quando ele diz:

Disse-lhe Jesus: Mulher, crê me que a hora vem em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis ao Pai. Vos adorais o que não sabeis; nós adoramos o que sabemos porque a salvação vem dos Judeus. Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores o adorem em espírito em verdade, porque o Pai procura a tais que assim o adorem. (Jo 4.21-23).

E por fim Hurding cita o resultado que se espera acontecer na vida do aconselhando:

Tal sistema de aconselhamento espera ajudar o cliente a se unir a Crabb, de modo que ambos digam: “Deus me ama o suficiente para me endireitar, para aplinar as arestas, para modelar até que o resplendor de seu Filho brilhe por meio de minha vida”. (Ibid., 1995).

Neste mesmo pensamento Hurding cita sobre Selwyn Hughes um expoente britânico, em que Crabb exerceu influencia em sua formação, na qual não tem uma atitude de exclusão diante da psicologia secular, ele considera que:

As necessidades mais profundas das pessoas são a segurança, a autoestima e o valor, e tem por objetivo ver essas carências preenchidas em Cristo. E o alvo do aconselhamento é ajudar o cliente a passar da vida centrada no eu para a vida centrada em Cristo. (Ibid. 1995).

Defende que no processo do aconselhamento seja compartilhado passagens bíblicas cuidadosamente escolhidas, para tratar de certos problemas fazendo uso de textos bíblicos. E na medida que o aconselhamento avança deixa os elementos de identificação e de estímulos de *parakaleô*, empregando a natureza mais confrontadora de *noutheteô*. Para ele aconselhamento cristão em grande parte é diretivo, com o uso da Bíblia, que no fundo estará dizendo as pessoas com compaixão profunda e amor genuíno, o que Deus requer delas.

E por último *o aconselhamento pelo discipulado* de Gary Collins e Sweeten, ambos também defende a integração no modo de aconselhamento. Nesta metodologia

seus objetivos são de mudanças pessoais como comunitárias, por meio de treinamento e mobilização do povo de Deus.

O aconselhamento pelo discipulado tem por objetivo o treinamento das pessoas para serem agentes eficazes no crescimento de crentes rumo à integridade de Cristo. É aprender a trabalhar em cooperação com o Espírito Santo no processo de santificação. Por essa razão devemos aprender a combinar Discipulado com Aconselhamento. (Ibid. 1995).

O “Ide” ordenado por Jesus em fazer discípulos de todas as nações descrito em (Mt 28.18-20) para Sweeten como para Collins, essa ordenança abrange crescimento numérico mediante a evangelização. E assim permitindo que o Senhor governe a totalidade da vida. Tendo, assim, a evangelização como ferramenta no processo do aconselhamento.

3.3 Aplicação do evangelismo no processo do aconselhamento

Após estudarmos o vínculo entre o aconselhamento e evangelização de alguns dos principais conselheiros, analisaremos agora alguns passos que o conselheiro tem que percorrer para aplicar o evangelismo no processo do aconselhamento, tornando, assim, o aconselhamento um veículo de amor de Deus às pessoas.

Primeiro passo o conselheiro precisa ter um olhar igual ao de Jesus, cheio de compaixão e misericórdia para com aqueles que estão perdidos em suas necessidades. Como descrito em (Mt.9.36) “Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não tem pastor”. Segundo passo o conselheiro cristão tem que ter em mente que ele faz parte da grande comissão de Cristo, como nos ordena “Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura.” (Mc.16.15). Tendo, assim, a evangelização como ferramenta no processo do aconselhamento. E o terceiro e último passo o conselheiro ter como objetivo no aconselhamento o ajudar a outros em todo e qualquer aspecto da vida sem acepção, dentro de um relacionamento de cuidado e amor.

Na aplicação do evangelismo, não só no aconselhamento mas em qualquer outra área de atuação e, até mesmo na vida pessoal de um cristão, é essencial a existência, desses dois elementos “compaixão” e “misericórdia”, que são primordiais na

evangelização. Vejamos algumas definições sobre a compaixão e misericórdia, David H. Engelhart do seite Biblioteca Bíblica conceitua que é: “uma forma de amor, despertada dentro de nós quando somos confrontados com aqueles que sofrem ou são vulneráveis”. Apresentando também a etimologia ou origem da palavra:

Hebraica (*hamal*) e grega (*splanchnisomai*), às vezes traduzidas como “compaixão” também têm um significado mais amplo, como “mostrar pena”, “amar” e “mostrar misericórdia.” Outros sinônimos próximos de compaixão em Inglês é “ser amado por”, “mostrar preocupação com”, “ser compassivos,” e “agir com gentileza.” (ENGELHART, 2011)

Segundo ele no Antigo Testamento a compaixão de Deus é livre “terei compaixão a quem me aprobe a ter compaixão” (Êxodo 33.19). A compaixão é constitutiva do próprio ser de Deus (Êxodo 34:6, “O Senhor, o Senhor, o Deus misericordioso e piedoso”).

Já o novo testamento, a compaixão de Deus é demonstrado no ministério do seu Filho (Mateus 9:36) “Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não tem pastor.” e de seu povo (Cl 3.12) “Revestivos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade”. (ENGELHART, 2011)

No dicionário Michaelis a definição é descrita de forma simples “Compaixão é dor que nos causa o mal alheio; participação da dor alheia com o intuito de dividir com o sofredor”.

A misericórdia é a junção de duas palavras em latim: miseratio (compaixão) + cordis (coração), fonte tirado da Wikipédia a enciclopédia livre. Assim, pode-se entender literalmente misericórdia, como "coração compadecido". Tanto a definição de uma como da outra, remete-nos a olhar para a necessidade de outrem, exatamente como Jesus diz sobre o segundo mandamento: “... amar o próximo com a ti mesmo, não há outro mandamento maior do que estes” (Mc 12.31)

Agora, tendo o aconselhamento com o objetivo de ajudar as pessoas dentro de um relacionamento de cuidado, conforme conceito de Hurding, “ajudar os outros em todo e qualquer aspecto de sua vida dentro de um relacionamento de cuidado”. E a evangelização, conforme estudado anteriormente, a pregação das boas novas de salvação em Cristo, que leva o ser humano a reconciliar-se novamente com Deus, tendo seus pecados perdoados. E um conselheiro cristão cheio de compaixão e amor por aqueles que

procuram ajuda por meio do aconselhamento. Esta tríade é perfeita para que a evangelização seja uma ferramenta no processo do aconselhamento, tornando-se um veículo de amor de Deus para com as pessoas. Neste sentido (HURDING, 1995) afirma que:

Se o nosso aconselhamento for cristocêntrico, então nosso trabalho de alcançar, na relação de aconselhamento, os outros, no mundo exterior, será sempre um veículo de amor de Deus às pessoas. O cliente poderá reagir de forma positiva e bem específica ao convite de Cristo para receber perdão e nova vida e a seu desafio de viver para ele. Esse cliente poderá dar passos vacilantes em direção a essa entrega dentro do processo de aconselhamento.

Mesmo que a aplicação do evangelismo no processo do aconselhamento não tiver resultado naquele momento, mas a semente da Palavra foi plantada e no seu tempo certo germinará. Mas por um outro lado o aconselhando poderá ajudar, por exemplo: um marido tornar-se mais amoroso; o empregador mais justo; a mãe mais cuidadosa e uma companheira menos egoísta; ou seja de um modo ou de outro o conselheiro no processo do aconselhamento pode ajudar as pessoas necessitadas no nível de suas dificuldades, declara Hurding (Ibid. 1995).

3.4 A confrontação auxilia na evangelização

No processo do aconselhamento existe uma série de complexidades e dificuldades, não existe formulas milagrosas, quando se trata de ajudar pessoas. Sobre esta complexidade (COLLINS, 2004), menciona em seu livro *Aconselhamento Cristão*, algumas técnicas de aconselhamento que auxiliam os conselheiros na maioria das situações de aconselhamento, que são; “o dar atenção” por meio do contato visual, postura, gestos e, a importância do conselheiro estar descansado para aconselhar; “o ouvir”; e “o responder”, por meio de comentários, perguntas e confrontação.

A confrontação é uma técnica que auxilia muito o conselheiro no aspecto da evangelização no processo do aconselhamento, segundo (COLLINS, 2004) “confrontar” não é atacar ou condenar a pessoa, mas apresentá-la uma ideia em que ela pode nunca ter tido, ou jamais teria sozinha. Podendo leva-la a perceber o seu pecado, reconhecendo suas falhas, inconsistências, desculpas, pensamentos negativos, ou comportamentos derrotistas. E muitas das vezes levando-a a confessar seu pecado, obtendo uma

significativa experiência de perdão. Claro que a melhor e eficaz forma de confrontar é ser gentil, amoroso sem julgamento. (Ibid. 2004)

Tendo em vista que o conselheiro, não está lidando somente com o problema ou caso do aconselhando, mas com um ser humano que busca ser ajudado em suas necessidades e anseios. Sobre esse cuidado (MOLOCHENCO, 2008) recomenda que:

Para aconselhar de forma efetiva temos de ter sempre em mente isto: o que se apresenta diante de nós não é um problema nem um caso a ser solucionado, mas um ser humano, com as qualidades de ser criado por Deus, embora inserido nas limitações e na finitude humanas, das quais os conselheiros também compartilham. Outra verdade que nos une: compartilhamos da mesma natureza pecaminosa e caída (1Jo 1.8) “Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós”.

Sendo, assim o conselheiro ao confrontar o aconselhando, ele tem que estar na posição de ajudador e não de juiz. Nos encontros diários de Jesus existe um modelo de confrontação eficaz a ser seguido, na qual as pessoas eram levadas, por meio do diálogo e até mesmo por parábolas, ao arrependimento reconhecendo suas culpas. Levando-as, então, a descobrir a verdadeira necessidade de seus anseios. Como explica (HURDING, 1995), que em Jesus encontramos um estilo de cuidado confrontador, pois suas palavras são expressas de forma ternas e positivas.

E por fim é possível verificar que o aconselhamento em seu conceito tem como objetivo de ajudar as pessoas saírem do estado que se encontram, por meio da assistência de um conselheiro que os ouve e auxilia-os. Mas a evangelização, por meio da pregação das boas novas de salvação, tem por objetivo de resgatar e salvar o homem, levando-o ao arrependimento de seus pecados, reconhecendo que Jesus Cristo é único e suficiente salvador de sua vida e, que somente por meio dele podemos ser reconciliados com Deus. Como afirma apóstolo Paulo “...pois o evangelho de Cristo é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê...” (Rm 1.16).

Portanto o uso da confrontação, no processo do aconselhamento, é uma técnica que tem por objetivo ajudar o conselheiro, por meio da evangelização, levar o aconselhando a entender que existe uma necessidade acima de suas angustias e aflições, necessidade essa que somente poderá ser preenchida por Jesus Cristo. Na qual o próprio Jesus disse: “vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei” (Mt.11.28).

É exatamente o processo que Jesus usou para com a mulher Cananeia em que citamos em estudo anterior. A sua necessidade e aflição era a cura de sua filha, mas por meio da confrontação Jesus fez com que ela reconhecesse a sua real necessidade e com isso levou-a crer n'Ele como Senhor e Salvador, ou seja, o evangelho as boas novas de Salvação chegou até ela, quando Jesus diz: "...Ó mulher, grande é a tua fé! Seja isso feito para contigo como tu desejas. E desde aquela hora a sua filha ficou sã. Mateus 15:21-28.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desenvolvermos este trabalho por meio de pesquisa científica, imergindo na literatura sobre aconselhamento cristão, descobrimos quão é importante o conhecer sobre esse assunto e como ele está radicado aos princípios do cristianismo. Pois trata de questões de cuidado e amor pelo o outro, que são fundamentais e essenciais na vida do ser humano.

E este cuidado e amor pelo outro, no aconselhamento formal, é desenvolvido pelo conselheiro no processo do aconselhamento. Na qual as pessoas com seus problemas e traumas, possam ser ouvidas e ajudadas a mudar de vida. Como aprendemos no decorrer da pesquisa que o aconselhamento tem como cerne o “ajudar o outro”. Como isso o conselheiro cristão ou líder no processo do aconselhamento, deve procurar a levar o aconselhando, quanto ao enfrentar problemas autodestrutivos e depressivos a ter um relacionamento pessoal com Cristo, principalmente os não cristãos, ajudando-os a encontrar perdão e livrar-se dos efeitos do pecado e culpa.

Nesta pesquisa podemos verificar que há milhares de metodologias, teorias e livros de autoajuda sobre o assunto, principalmente americanos e europeus, mas muitos deles “são de validades questionáveis” como comenta Collins. Mas o que nos levou a admirar é que existem poucos artigos acadêmicos escritos por cristãos brasileiros. Isso nos leva a atentar para a necessidade que temos de aprofundar e incentivar acadêmicos a pesquisar mas sobre o assunto de tão relevância, para o cristianismo no aspecto do cuidado pastoral.

Em primeiro momento estudamos sobre os conceitos, definições e quanto ao surgimento do aconselhamento e como ele é visto na teologia e psicologia. Verificamos também as teorias e técnicas usadas pelos principais e mais conhecidos conselheiros, dando-nos um melhor entendimento sobre as metodologias usadas e suas divergências no aconselhamento. Observamos a pratica do aconselhamento no Antigo e no Novo testamento no olhar dos principais conselheiros.

Utilizamos como referencial teórico de Roger F. Hurding na analogia usada para mostrar o amor mutuo e o cuidado que Jesus deixou para a igreja desenvolver, chamando-a de “amor em ação” por meio da ilustração de uma grande arvore “a arvore do cuidado pastoral” desenvolvendo em meio a uma floresta de outras arvores, das psicologias seculares, das metodologias da psicoterapia e do aconselhamento, delas resultantes.

E como o aconselhamento em sua essência de “ajudar o próximo” é um ambiente fértil para a evangelização do não cristão, pois sempre será procurado por pessoas com necessidades, muita das vezes extremas, tendo o conselheiro cristão a oportunidade de ajudá-las a encontrar a saída de suas aflições em Cristo Jesus, por meio do evangelho (boas novas). Foi observado a atitude de compaixão e amor que Cristo teve ao receber àqueles que o procurou e a forma que conduziu-os usando a técnica de confrontação levando-as não só à solução de seus anseios e necessidades, mas a ter um encontro com a vida e salvação que manava dele.

Vimos também a relação entre o aconselhamento e a evangelização e a variedade de concepções que conselheiros sustentam sobre esse vínculo. Passamos também, não de forma tão profunda, sobre a integração da teologia e psicologia e suas teorias e técnicas. E a aplicação da evangelização no processo do aconselhamento e qual metodologia adequa-se melhor a essa aplicação.

O propósito e objetivo desta pesquisa foi levar o leitor, conselheiro leigo, líderes e a todos que sente-se no chamado para esse nobre trabalho de aconselhar, ao conhecimento da existência destas metodologias, teorias e técnicas que se tem no campo do aconselhamento. E também estimula-lo à pesquisar mais afundo sobre o assunto para que possa servir melhor o próximo, cumprindo assim o mandamento de Jesus “Amaras o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22.39).

Ao analisarmos as metodologias existentes, podemos perceber que a visão integracionista é uma metodologia adequada para a evangelização no processo do aconselhamento, pois está aberta a ajudar tanto o cristão quanto ao não cristão. Pois o aconselhamento cristão sendo cristocêntrico, o trabalho do conselheiro será sempre procurar levar o aconselhando a conhecer o amor Deus manifestado em Cristo. Podendo, assim, o não cristão reagir de forma positiva ao convite a Cristo recebendo perdão e a nova vida Nele.

E por fim, todas as vezes que leio ou o Espírito Santo me faz lembrar da passagem de (Mt 9.36), relata que “Jesus vendo a multidão teve compaixão dela, por que estava cansada e abatida como ovelhas sem pastor”, e como estudamos que conceito, no geral, “aconselhamento” é “ajudar o outro”. Então, tenho para mim que antes de escolher qual metodologia usar ou defender seja ela noutética ou integracional, temos que primeiro ter compaixão e ver aquilo que Cristo vê, o cansaço e a opressão do semelhante, que muitas das vezes, encontra-se esperando por um conselheiro piedoso, no qual possa ajudá-lo.

Tendo, assim, a ousadia que Cristo teve ao dizer na porta do templo, “vinde a mim todos vós que estais cansados e sobre carregados e eu vos aliviarei” (Mt 11.28), enquanto os religiosos colocavam jugos pesados sobre os perdidos e necessitados, ao invés de ajudá-los.

Concluo, portanto, com duas recomendações deixada por Hurding, no final de seu livro “*A Arvore da Cura*” para que estejam sempre na lembrança de todo conselheiro e líder que se propôs a executar a tarefa do cuidado pastoral:

A primeira; que em nossas tentativas de levar um conselho aos outros, só podemos ser frutíferos quando permitirmos que a vida de Cristo flua por nosso intermédio; e a segunda e última, que estamos alcançando pessoas necessitadas ao lado de amigos e colegas que, embora talvez não partilhem de nossa fé, são contemplados com a graça comum e são membros da nossa humanidade comum. Nossa oração é que eles também entrem no reino, participando, por meio de Cristo, da árvore da vida, cujas as folhas “são para a cura dos povos” (Ap 22.2). (HURDING, 1995)

Diante das considerações finais abordadas, sobre o estudo dos conceitos; teorias e técnicas existentes dos conselheiros mais conhecidos no aconselhamento cristão; a atividade do aconselhamento no Antigo e Novo Testamento; a relação e vínculo entre a evangelização com o aconselhamento; a aplicação do evangelismo no aconselhamento. Concluímos que a metodologia da visão integracionista é uma realidade e não um mito, no que diz respeito ao uso da evangelização no processo do aconselhamento cristão. Por ela dar abertura para o não crente ter acesso ao aconselhamento cristão, na qual o conselheiro cristão pode ajuda-la em seus anseios e dificuldades e com isso evangeliza-la por meio de um relacionamento de cuidado.

REFERENCIAS

ADAMS, Jay E. **Conselheiro capaz**. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo. Ed. Fiel, 1977

ALMEIDA, Loyde Gonçalves de. **A psicologia e a Bíblia no Aconselhamento de Larry Crabb**. 99 f. tese (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie – São Paulo, 2010.

ARAÚJO, Stephenson Soares. **Repensando Conceitos de Evangelização**. Blog spot. 2011. Disponível em: <http://stephensoneleila.blogspot.com.br/2011/>. Acessado em 20/03/2017 as 20:00hs

BÍBLIA DE ESTUDO PLENITUDE. Trad. João Ferreira de Almeida. Ed. Revista e Corrigida. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 8º impressão. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional & Paulus, 2012.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. 2 Ed. Revista e Corrigida. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. em português corrente. 1 Ed. Lisboa - Portugal: Sociedade Bíblica de Portugal, 1993.

COLLINS, R. Gary. **Aconselhamento Cristão**. São Paulo. ed. século 21: Vida Nova, 2004.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Teologia da Evangelização (2)**.2011. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/EST/DIRETOR/Teologia_da_Evangelizacao_2_.pdf. Acessado em 06/04/2017 as 17:00hs

_____. **Teologia da Evangelização: uma palavra aos “Evangelistas”**. 2007. Disponível em: http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/EST/DIRETOR/Teologia_da_Evangelizacao_Semana_Teologica_-_JMC_1.10.pdf Acessado em 06/04/2017 as 19:00hs

CRABB, Larry. **De Dentro para Fora**. Minas Gerais: Betânia, 1992.

DICIONÁRIO Michaelis UOL: **com-pai-xão**. São Paulo. Ed. Melhoramentos Ltda. 2017. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=pWlw>. Acessado em 01/04/2017 as 17:00hs

ENGELHART, David H. enciclopédia bíblica online: **Compaixão-significado na Bíblia**. São Paulo, 2011. Disponível em: <https://bibliotecabiblica.blogspot.com/2011/09/compaixao-significado-na-biblia.html>. Acessado em 10/04/17 as 13:30hs

HURDING, Roger F. **A Árvore da cura**: modelos de aconselhamento e de psicoterapia. São Paulo: Vida Nova, 1995.

MOLOCHENCO, Silas. **Curso Vida Nova de Teologia Básica**. Aconselhamento. São Paulo: Vida Nova, 2008.

WIKIPEDIA, a enciclopédia livre: **etimologia misericórdia**. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Miseric%C3%B3rdia>. Acessado 10/04/17 as 13:45hs

AUTORIZAÇÃO DE REPRODUÇÃO

Autorizo cópia total ou parcial desta obra, apenas para fins de estudo e pesquisa, sendo expressamente vedado qualquer tipo de reprodução para fins comerciais sem prévia autorização específica do autor. Autorizo também a divulgação do arquivo no formato PDF no banco de monografias da Biblioteca institucional.

Nome do autor: Edite Francisca de Souza Silva;
Marcos Rogerio Vicente da Silva.

Pindamonhangaba, Maio de 2017.